

Marco Antonio Coutinho Jorge¹

Resumo

A conferência apresenta duas partes. Na primeira, tematiza a estrutura do conflito psíquico a partir das categorias lacanianas real, simbólico e imaginário. Na segunda, aborda a presença da guerra na vida cotidiana através da manifestação esportiva do futebol visto como a sublimação das pulsões destrutivas.

Palavras-chave: psicanálise, conflito, guerra, sublimação, futebol.

Abstract

The conference has two parts. The first one is about the structure of the psychic conflict understood with the lacanian categories real, symbolic, imaginary. The second focuses the presence of war in daily life approaching soccer as the sublimation of destructive drives.

Keywords: psychoanalysis, conflict, war, sublimation, soccer.

¹ Psiquiatra, psicanalista, professor associado e chefe do Departamento de Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Membro da Associação Insistance (Paris) e da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Member of the WPA Psychoanalysis in Psychiatry Section. Faculty Member of Après-Coup Psychoanalytic Association (Nova Iorque). Autor, entre outras obras, da série Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – 4vols. (Zahar). Endereço postal: Rua Terezina, 19 – Santa Teresa – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP: 20240-310. macjorge@corpofreudiano.com.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0710-7527>

A GUERRA NA VIDA COTIDIANA

Em primeiro lugar, quero agradecer Chawki Azouri e Elisabeth Roudinesco pelo convite para participar deste Colóquio sobre “Guerra finita, guerra infinita”. Para mim é uma verdadeira honra, bem como um grande prazer poder estar aqui no Líbano, terra dos meus avós paternos, que imigraram para o Rio de Janeiro no início do século XX, para conhecer o país e falar de psicanálise. Vou contar a vocês uma história que talvez desconheçam sobre as migrações dos libaneses para o Brasil. Quando estes chegavam ao porto do Rio de Janeiro, os escrivães que deviam fazer o registro oficial do nome de todos os que chegavam não compreendiam os nomes árabes e traduziam esses nomes para supostos correlatos na língua portuguesa. É assim que os nomes de minha família paterna Haddad Abdulmassih deram origem a meu sobrenome Jorge. Curiosamente, encontramos no Brasil muitos grupos familiares nomeados como Jorge que são, contudo, originárias de diferentes famílias libanesas.

Pretendo lhes falar sobre as repercussões da guerra subjetiva interna na vida cotidiana, essa guerra que foi muito bem descrita por Freud pela figura clínica maior do conflito psíquico, e resumida por Lacan com a letra S barrada, \$, que representa o sujeito dividido do inconsciente. Foi por isso que propus como título da minha palestra “A guerra na vida cotidiana”, parafraseando, claro, o livro de Freud sobre “A psicopatologia da vida cotidiana” ao mesmo tempo em que me permito dar continuidade ao exercício das paráfrases freudianas inauguradas de modo tão belo pelo tema desse Colóquio com o ensaio freudiano “Análise terminável, análise interminável”. Peço desculpas por ter que fazer uma exposição mais teórica primeiro, o que me permitirá, na segunda parte, falar sobre a guerra na vida cotidiana.

Quando Freud fala da psicopatologia da vida cotidiana, ele produz um ato teórico que apaga a barreira que separa o normal do patológico: como conceber o patológico na vida cotidiana, exceto questionando profundamente o próprio *status* do patológico? Toda uma série de seus trabalhos, sobretudo aqueles do período inicial tão frutífero de sua obra, são especialmente dedicados a mostrar uma linha de continuidade entre estados normais e quadros patológicos: sonhos, chistes, lapsos de linguagem e atos falhos – assim como posteriormente o texto sobre “Luto e melancolia” –, ilustram de maneira bastante precisa a magnitude que o inconsciente dá às diferentes formações. Foi nessa mesma direção que Lacan pode afirmar que o inconsciente é a verdadeira patologia mental do homem. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, com o conceito de pulsão e as noções de sexualidade infantil e perversão polimorfa, também construíram uma ponte entre as assim chamadas aberrações sexuais do século XIX e a sexualidade dita normal.

O conflito entre o Eu e o Isso tem para Freud o valor de uma base universal de todas as formações do inconsciente, já que todas derivam dessa guerra interior que se estabelece no sujeito desde sua constituição. Já no estágio do espelho, o Eu é esboçado no momento mesmo em que a criança tem uma apreensão de sua unidade no espelho, uma unidade imaginária que lhe proporciona uma intensa satisfação, visto que ela vem substituir as sensações angustiantes do corpo espedaçado – corpo pulsional vivido por fragmentos e sem um contorno possível. O Eu se constitui, portanto, desde sempre como uma verdadeira oposição ao pulsional, oposição que sempre será perpetuada.

De sua parte, Lacan valorizou muito o livro freudiano sobre o *Witz* e afirmou que neste livro “tudo é substância, tudo é pérola” (LACAN, 1953/1998, p. 271). De fato, Freud situou o chiste como a formação do inconsciente na qual a relação entre o sujeito e o coletivo entra em cena de uma maneira muito particular, uma vez que o chiste significa a

reintrodução momentânea, no coletivo, daquelas representações pulsionais que foram excluídas para que a coexistência social seja possível: as representações sexuais, agressivas, escatológicas, etc. Em suma, tudo o que é necessariamente excluído do contexto social surge no jogo das palavras com a finalidade de desfazer, por um momento – o momento do riso –, a tensão interna dos grupos suscitada pela pressão constante (uma vez que a pulsão é definida por Freud como uma força constante, *Konstante Kraft*), que as pulsões expulsas fazem reaparecer. Freud as denomina de tendências do chiste: obscenidade, a tendência a desnudar, especialmente as mulheres; agressividade, tendências hostis; cinismo, como uma afirmação desmedida da primazia do eu; o ceticismo, isto é, a completa ausência de certeza. Essas quatro tendências são precisamente o que o Outro nos obriga a recalcar, aquilo que justamente é proibido em nossas relações coletivas (MELMAN, 1994, p. 56).

R.S.I.: SEM SENTIDO, DUPLO SENTIDO E SENTIDO

Com Lacan, pode-se compreender o conflito maior que habita o sujeito a partir da tripartição estrutural que ele introduziu na psicanálise: os registros psíquicos do Real, do Simbólico e do Imaginário. Essa tripartição lacaniana é uma forma de distribuir o conjunto da obra de Freud em três segmentos heterogêneos:

- o Simbólico, que não tem nada a ver com a simbólica junguiana, é o nome que Lacan deu à parte da obra de Freud sobre o inconsciente, especialmente as primeiras grandes obras surgidas no breve espaço de cinco anos, entre 1900 e 1905: os livros sobre os sonhos, a vida cotidiana e os chistes. São três livros considerados por Lacan (1957/1998, p.526) como "canônicos em matéria de inconsciente". Eles expõem a estrutura de linguagem do inconsciente; mais essencialmente, demonstram que a estrutura é a linguagem e, portanto, que a linguagem é estruturante. Nessa mesma direção, Lacan asseverou na conferência que proferiu em um simpósio sobre estruturalismo, promovido pela Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, em 1966, que dizer que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" é tautológico uma vez que "estrutura e 'como uma linguagem' significam exatamente a mesma coisa" (LACAN, 1976, p. 200). Lacan insistiu de todos os modos nesse ponto essencial, por exemplo quando, abordando o campo das psicoses como exemplar, falou da "força estruturante que trabalha no delírio". (LACAN, 1955-1956/1988, p.28)

- o Imaginário inclui todas as contribuições de Freud sobre o narcisismo. O Imaginário não deve ser confundido com a imaginação, refere-se sobretudo à dimensão da imagem corporal e ao Eu.

- o Real tem a ver com a dimensão do pulsional, do sexual, bem como com a repetição e o gozo, elaborados por Freud a partir de 1920. O Real não é a realidade, sempre considerada por Freud como uma realidade psíquica em sua singular qualidade subjetiva. A realidade é constituída por palavras e imagens, é um tecido simbólico-imaginário. Ao passo que o Real é o que está situado para cada sujeito mais-além de sua realidade psíquica.

Ao nomear esses três segmentos da obra de Freud – sabemos bem, a partir da própria experiência da análise, que o ato de nomear modifica toda a relação do sujeito com o que é nomeado –, a teoria lacaniana sobre RSI nos oferece condições muito precisas para distinguir, em nosso funcionamento psíquico, três dimensões absolutamente heterogêneas que, no entanto, se articulam de maneira contínua. Para entender melhor essas três dimensões, nada melhor do que as definir com três termos, cada um dos quais concentra o essencial que está em jogo no Real, no Simbólico e no Imaginário:

Real – sem sentido

Simbólico – duplo sentido

Imaginário – sentido

O real é a ausência de sentido, a falta radical de sentido ou, como brinca Lacan, é o *l'ab-sens*. Para Lacan, temos a certeza de estar diante de algo da ordem do Real, quando esta coisa não possui nenhum sentido (LACAN, 1975-1976/2005, p.65). A figura clínica por excelência que presentifica o Real é a angústia, definida por Lacan como a invasão do Imaginário pelo Real (LACAN, 1974). Outra importante figura clínica da ordem do Real é o trauma, definido por Lacan como o que é inassimilável (LACAN, 1964/1979, p. 57).

A divisão do sujeito no campo da linguagem pode ser traduzida em sua divisão entre o Real (a pulsão) e o Imaginário (o Eu), entre o sem sentido e o sentido. É exatamente por isso que o sujeito é representado entre os significantes do simbólico que, por sua estrutura de duplo sentido, permite a conciliação, a mediação entre o Real e o Imaginário. Como Lacan especifica, há um "duplo sentido radical do significante" (LACAN, 1957-1958/1999, p. 256). Pode-se dizer também que o Real é o sentido zero; o imaginário é o sentido-um; e o simbólico é o sentido-dois.

O Real presentifica todo o tempo para o sujeito a ausência de sentido e o Simbólico surge, nesse caso, como a condição de injetar sentido no Real, partindo do Simbólico. No caso oposto, o Imaginário aprisiona o sujeito no sentido fechado, e aqui também o Simbólico vem produzir a abertura nesse sentido fechado do Imaginário.

\$
R --- S --- I

Ou

S
R --- \$ --- I
S

Quando Freud tematizou a guerra em seus trabalhos de 1915 sobre "Reflexões para os tempos de guerra e morte" e na correspondência com Einstein de 1933, publicada sob o título "Por que a guerra?", ele indicou para nós, nos fenômenos relativos à guerra, um fracasso do Simbólico como um registro mediador entre o Real e o Imaginário. Fraude, traição, falta de moralidade, mentiras na política (BLEVIS, 2008) são todas manifestações da ruptura do poder mediador do Simbólico. A ruptura do Simbólico está na base do desencadeamento da guerra, quando pactos e tratados – eminentemente simbólicos – não podem mais ser sustentados.

Isso nos oferece elementos para entender que, se a política é definida por Michel Foucault como a continuação da guerra por outros meios, estes meios que não operam na guerra são as estruturas simbólicas e, acima de tudo, a capacidade do Simbólico de mediatizar a "guerra infinita" entre Real e Imaginário. Esse fracasso do Simbólico é responsável, na guerra, pelo confronto direto entre o Real e o Imaginário, o que significa essencialmente o confronto entre o sentido fechado do Imaginário e a ausência absoluta de sentido do Real.

O que relativiza essas duas posições extremas em relação ao sentido é precisamente o duplo sentido do qual apenas o Simbólico é capaz. Quando o Simbólico está em xeque, as posições extremistas do Imaginário e do Real são confrontadas em suas radicalidades. O Simbólico visa a mediação, o pacto e, nesse sentido, é salutar. Como Moustapha Safouan formulou, entre dois sujeitos há a palavra ou a morte, e para conceber a violência como inerente à condição humana é necessário levar em conta o que ela comporta de destruição efetiva da palavra (SAFOUAN, 1993, p. 53).

No seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-1954/1986) propõe a distinção das três paixões fundamentais do ser através de suas relações com o R.S.I.:

- o amor – se situa na articulação do S com I;
- o ódio – se situa na articulação do R com I;
- a ignorância – se situa na articulação do R com S.

O que pode ser escrito da seguinte forma:

- Amor: S-I // R
- Ódio: R-I // S
- Ignorância: R-S // I

O amor é, portanto, a produção de sentido a partir do Simbólico e tem como consequência a exclusão do Real, do não-sentido. O amor não quer saber nada sobre a perda, a incompletude ou a morte. O amor não quer saber nada sobre o impossível. Como ressaltou Betty Fuks, no *Cântico dos Cânticos* o amor é tomado como um poderoso antídoto contra a morte: "o amor é forte, é como a morte" (FUKS, 2000, p. 112).

É bem sabido que o amor e o ódio são duas faces de uma mesma moeda, e vemos aqui que o ódio exclui o Simbólico de seu campo e o substitui pelo Real. O ódio envolve o confronto entre sujeitos sem o Simbólico, sem a palavra como mediadora. Seu campo é o da violência, da agressão e do assassinato. Seu campo é essencialmente o da guerra.

A ignorância é a única paixão que exclui o Imaginário e permite, sozinha, o confronto entre o Simbólico e o Real. O resultado é o surgimento de uma questão não respondida, que é sempre respondida imaginariamente no amor e no ódio. A ignorância está na base do sujeito suposto saber na transferência, ela apresenta um verdadeiro enigma, aquele que o amor e o ódio querem responder. Quando o Simbólico é articulado ao Real, ele se torna uma questão e, quando articulado ao Imaginário, se torna uma resposta.

O amor responde ao gozo do Real com a pulsão de vida – Eros –, criando dois tipos de vínculo: o amor e a identificação. Freud observa que "qualquer coisa que promova laços emocionais entre homens pode ter um efeito contrário à guerra" (FREUD, 1933[1932]/1976, p. 195). O ódio responde ao sentido do amor com o gozo mortífero – a pulsão de morte.

Após 1975, com o nó borromeano, no qual os três registros são apresentados como inseparáveis em sua propriedade borromeana, Lacan conceberá a existência de três formas de gozo: entre Real e Simbólico, o gozo fálico; entre Real e Imaginário, o gozo do Outro; entre Simbólico e Imaginário, o sentido, isto é, esta forma de gozo – gozo-sentido (*joui-sens*) – que chamamos de amor.

Há na obra de Freud todo um segmento dedicado a elaborar essa característica do Simbólico – sua aptidão para a ambigüidade. Em todos esses trabalhos sobre o inconsciente, Freud destacará a estrutura antitética das palavras e dirá que, em cada uma das formações do inconsciente, pode-se encontrar uma cabeça de Janus, essa figura romana composta de duas faces de direções opostas: uma bela, a outra feia; uma masculina, a outra feminina; uma jovem, a outra velha, etc.

Freud, que mantinha uma dessas figuras em sua escrivinha, considerou a cabeça de Janus como uma magnífica representação do sujeito dividido pelo conflito psíquico. Eu sei que em árabe os chamados *haddads*, palavras com uma significação antitética, são comuns no idioma. Em um estudo pioneiro sobre o assunto, Sami-Ali

concluiu com precisão que o inconsciente não está ligado a línguas 'primitivas', mas a qualquer idioma. A ausência de negação no sonho não pode ser explicada por um estado anterior de evolução das sociedades humanas. Antes, refere-se ao fato de que nada na figuração do sonho é o que é ($a \neq a$). O contraditório flui então do não-idêntico. Cada cultura vive diferentemente sua relação com o inconsciente (SAMI-ALI, 1982).

No inconsciente, os opostos não se anulam, e o amor e o ódio coexistem juntos. Freud adotou o termo ambivalência afetiva introduzido por Eugen Bleuler em seus estudos psiquiátricos sobre a psicose para designar essa característica primordial do inconsciente. Lacan, por sua vez, cunhou o termo amódio (*hainamoration*) (LACAN, 1975/1985, p. 122), que associa amor e ódio em uma palavra-valise.

A GUERRA NÃO-TODA SUBLIMADA

Como Freud foi capaz de estender o escopo do inconsciente para além do patológico para o campo da vida cotidiana, Lacan também insistiu no fato de que "a experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora de seu campo" (LACAN, 1957/1998, p. 518).

Vamos pensar por um momento sobre essa atividade humana esportiva que é o futebol. Ele está incluído na classificação de jogos estabelecida por Roger Caillois em jogos de competição (*âgon*) (RETONDAR, 2007, p. 39; CAILLOIS, 1990), termo grego que remete ao espírito de luta e combate entre as partes. Todas as semanas, ao redor do mundo, milhares de pessoas, a maioria homens, se espremem em estádios faraônicos, construídos especialmente para esse fim, para torcer por seus clubes ou, mais raramente – mas também com maior intensidade – por seus países.

O som produzido nos estádios, de uma qualidade diferente de qualquer outra manifestação humana grupal, pode ser ouvido de longe: em absoluto uníssono, urros, gritos, exclamações, imprecações são produzidos pelos torcedores de uma maneira muito surpreendente, o que nos leva a fazer perguntas como: o que é o futebol? O que ele está encenando? O que ele literalmente coloca em jogo? Para a psicanálise, a questão é basicamente a seguinte: de onde vem a força desse esporte para reunir multidões, arrancar emoções violentas e suscitar tantas discussões entre os sujeitos? Em resumo, de onde vem essa paixão violenta?

Sobre os esportes, já conhecemos alguma coisa a partir da psicanálise: eles oferecem, em geral, uma forma intensa de satisfação, pelo fato de colocar em atividade o aparelho motor e oferecer condições ótimas para descarregar a agressividade. Em outras palavras, a agressividade é inerente a todos os esportes, mas ela pode ser evidenciada no futebol se estudarmos sua linguagem, francamente bélica.

A partir da análise da linguagem do futebol podemos nos aproximar bastante da noção lacaniana do "inconsciente estruturado como linguagem". Para Lacan, "é o equívoco, a pluralidade de sentido que favorece a passagem do inconsciente no discurso" (LACAN, 1975, p. 36). Tal afirmação precisa de Lacan sobre a teoria do significante pode ser ilustrada de forma simples se se pensar na linguagem do futebol e em suas metáforas bélicas. Estas demonstram que os esportes representam a sublimação das pulsões agressivas. Palavras antitéticas que, na linguagem futebolística, revelam uma ambiguidade que permite satisfazer a pulsão agressiva e, ao mesmo tempo, sua sublimação.

O time de futebol é constituído por guerreiros como um verdadeiro exército, cujo objetivo é alcançar a vitória no campo de batalha. Falamos, por exemplo, de capitão da equipe, ataque, contra-ataque, defesa, barreira e tática. Para

designar os chutes muito poderosos, falamos de petardos e tiros de canhão. O jogador que faz mais gols é o artilheiro da temporada; quando luta pela conquista de um título, dizemos que ele tem "garra", como uma fera selvagem. Cada equipe tem seu poder de fogo, e às vezes isso é considerado um furacão. Tiro de meta (chute de gol) é a expressão usada em português para nomear o chute que o goleiro dá para colocar a partida em jogo. Quando há uma partida que não está incluída em um campeonato, é chamada de amistoso – o que certamente significa que as outras partidas não são de modo algum amistosas.

Os exemplos são inumeráveis e a linguagem do futebol evidencia, com todas as letras, que inconscientemente, nesse esporte, a guerra está presente mas velada, já que traduzida nas exigências da cultura humana. Cada jogo é a representação alegórica de uma verdadeira batalha. Há alguns anos, a própria figura da morte fez sua entrada no campo do futebol, pela nova regra da "morte súbita" (nome atribuído à interrupção abrupta do jogo, quando um dos dois adversários faz o primeiro gol durante a prorrogação do jogo), mas a sua presença não durou muito tempo. Ela foi então excluída, talvez porque sua presença tornasse excessivamente evidente o caráter mórbido intrínseco à partida.

As palavras dos hinos e "gritos de guerra" (é exatamente essa expressão que é usada) das equipes são incrivelmente violentas: com palavrões que fomentam a agressão física, essas músicas mostram de uma maneira óbvia o que Freud chamou de persistência latente do homem primitivo no homem civilizado, mesmo que isso revele uma inegável "aptidão para a cultura" (FREUD, 1915/1976, p. 284).¹ Na segunda tópica freudiana, essa persistência será considerada como a mais primitiva de todas, a pulsão de morte.

O jogo do futebol constitui, de fato, a sublimação das forças – chamadas pela psicanálise de pulsões –, de dominação e agressão inerentes ao humano, e as coloca em cena de forma civilizada, passível de ser admitida, para que possa haver a coexistência entre os sujeitos, assim como entre os povos. Tal afirmação encontra sua confirmação na manifestação oposta – infelizmente cada vez menos episódica –, dos fenômenos de violência extrema entre os torcedores, dos quais os *hooligans* ingleses constituem o paradigma mais bárbaro. No jogo entre o Liverpool inglês e a italiana Juventus, ocorrido em Bruxelas em 1985, doravante conhecido como a tragédia do Estádio de Heysel, a luta deixou 38 mortos e centenas de feridos. Mais recentemente, na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, grupos de *hooligans* e torcedores alemães se enfrentaram com grande violência. Mas temos o registro da violência desencadeada nos esportes já em 532 d.C., em Constantinopla, quando a revolta de Nika opôs dois grupos de corridas de bigas, os Azuis e os Verdes, resultando em milhares de mortes e na destruição de metade da cidade.

A história recente também registrou um fato surpreendente, uma guerra que foi desencadeada em 1969 entre El Salvador e Honduras, depois de três jogos de futebol nos quais os dois países disputavam um lugar na Copa de 1970. Por quatro dias o conflito deixou 900 mortos em El Salvador e 2100 mortos em Honduras. A OEA (Organização dos Estados Americanos) conseguiu negociar a cessação dos combates, mas a fronteira entre os dois países permaneceu fechada por mais de dez anos, quando um tratado final de paz foi assinado.

Entendemos que, se os esportes são a sublimação de pulsões agressivas e destrutivas, mas se sabemos igualmente que a sublimação não pode ser total, há sempre uma parcela de satisfação das pulsões que terá de ser realizada diretamente, ou seja, sem o desvio promovido pela sublimação. É assim que se passa no campo de todas as pulsões, tanto sexuais como agressivas.

No final de sua quinta e última lição na Clark University, em 1909, Freud contou uma fábula com a qual pôde ilustrar a impossibilidade de sublimar toda a pulsão. Em um vilarejo alemão chamado Schilda, havia um cavalo de tração que a população submeteu a uma dieta cada vez mais econômica, mas após passados alguns dias comendo

apenas um grão de ração de aveia, ele morreu. Freud (1910/1976, p. 51) conclui seu raciocínio dizendo que não se pode esperar pelo trabalho de um animal sem que ele seja alimentado. Claro está que Freud raciocina aqui especificamente com as pulsões sexuais, na medida em que ainda não havia construído seu segundo dualismo pulsional (pulsões de vida *versus* pulsão de morte), o que só ocorrerá em 1920, mas podemos estender os mesmos argumentos para as pulsões destrutivas. A impossibilidade de sublimar completamente as pulsões sexuais e agressivas é um verdadeiro axioma da psicanálise. Já sobre o recalque das pulsões, Freud (1930/1976, p. 134) afirmou que o recalque das pulsões sexuais leva à produção de sintomas neuróticos, enquanto o recalque das pulsões agressivas leva à culpa.

Mas o futebol que conhecemos, surgido na Inglaterra no século XIX, tem origens muito antigas. O mais antigo é o jogo *Tsu-Chu*, que surgiu na China entre 3000 e 2500 a.C., na época da dinastia do Imperador Huang-ti. Esse jogo, criado para fazer parte dos treinamentos militares, era conduzido primeiro com os crânios dos inimigos e depois com as bolas de couro (*Tsu*: para jogar com o pé, *Chu*: bola de couro recheada).²

Diante dessa transformação que o futebol sofreu após sua ascensão ao longo dos séculos – desde *epyskiros*³, na Grécia, ao *harpastum*, em Roma, até a *soule*, na Idade Média –, em que a cabeça do adversário foi substituída pela bola de couro⁴, Freud certamente teria exclamado: "Como a humanidade evoluiu!"⁵. Em todo caso, foi Freud quem nos disse: "De qualquer forma, não há como eliminar totalmente movimentos agressivos do homem; podemos tentar desviá-los a tal ponto que eles não precisem ter uma expressão na guerra" (FREUD, 1933[1932]/1976, p. 255).

Que essa possibilidade se torne um dever ético é também, suponho, o desejo de todos os psicanalistas que passam seu tempo ajudando as pessoas que sofrem a encontrar palavras para pôr no lugar dos sintomas, das inibições e angústias. Não devemos esquecer que, para Freud, "a tolerância para com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento" (FREUD, 2004, p.8).

Traduzido do original francês por Arthur Teixeira Pereira.

Revisado pelo autor.

REFERÊNCIAS

Blevis, J.-J. (2008). "Violence et mensonge". Unesco et Revue Insistance, *Journée Mondiale de la Philosophie*.

Disponível em: www.insistance.org/news/76/73/Violence-et-mensonge/d,detail_mediatheque.html. Acesso em: 12 jan 2013.

Caillois, R. (1990). *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia.

Freud, S. (1976). *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1910). "Cinco conferencias sobre psicoanálisis", v. XI, p. 1-52.

Freud, S. (1915). "De guerra y muerte. Temas de actualidad", v. XIV, p. 273-304.

Freud, S. (1930). "El malestar en la cultura", v. XXI, p. 57-140.

- Freud, S. (1933[1932]). “¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud)”, v. XXII, p. 181-198.
- Freud, S. e Viereck, G.S. (2004). Entrevista “O valor da vida”, in *Papéis*. Rio de Janeiro: Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, nº10, ano X, agosto 2004.
- Fuks, B. (2000). *Freud e a judeidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953/1998). “Função e campo da palavra e da linguagem na psicanálise”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953-1954/1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1955-1956/1988). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957/1998). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957-1958/1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964/1979). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1974-1975). *R.S.I. Seminário inédito*.
- Lacan, J. (1975). “Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines”. In: *Scilicet*, n.6/7. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1975/1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975-1976/2005). *Le séminaire, livre XXIII: le sinthome*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1976). “Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer”, in Macksey, R., & Donato, E. (orgs.). *A controvérsia estruturalista – as linguagens da crítica e as ciências do homem*. São Paulo: Cultrix.
- Melman, C. (1994). *Novos estudos sobre o inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Retondar, J. J. M. (2007). *Teoria do jogo*. Petrópolis: Vozes.
- Safouan, M. (1993). *A palavra ou a morte – como é possível uma sociedade humana?* Campinas: Papyrus.

Sami-ali. (1982). "Langue arabe et langage mystique – les mots aux sens opposés et le concept d'inconscient".
Nouvelle Revue de Psychanalyse, 23. Paris: Gallimard.

Notas

¹ Título original "La guerre dans la vie quotidienne". Trabalho apresentado no Colloque « Guerre finie, guerre infinie », organizado pela Société Libanaise de Psychanalyse e pela Société Internationale d'Histoire de la Psychiatrie et de la Psychanalyse, realizado no Hôpital Mont Liban, em Beirute, em 30 de outubro de 2011.

² Freud utiliza essa expressão muito significativa várias vezes em seu estudo sobre a guerra. FREUD, Sigmund. "De guerra y muerte. Temas de actualidad", in *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. XIV, p. 284, 288.

³ Uma variação do Tsu-Chu surgiu no Japão, difundida pelos imperadores Engi e Tenrei, com o nome de Kemari (Ke: atirador, mari: bola): oito jogadores masculinos se deslocavam em um campo quadrado tendo em cada lado uma árvore diferente: cereja, salgueiro, "bordo" e pinho.

⁴ Mencionado por Homero em *Sphairomachia*, livro sobre esportes com bolas.

⁵ Em 1175, no livro *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae*, William Fitzstephe mencionou a existência de um jogo semelhante ao soule, em que os habitantes de várias cidades inglesas saíam às ruas chutando uma bola de couro para comemorar a expulsão dos dinamarqueses. A bola representava a cabeça de um invasor.

⁶ Como ele ironizou diante do fato de que os nazistas queimaram seus livros em Berlim em 1933: "Como a humanidade evoluiu! Na Idade Média, eles teriam me queimado, hoje eles queimam meus livros!"